

4. O Colégio Guarani.

A fim de entendermos como aparece a discussão sobre a diversidade sexual e identificarmos como estudantes de Ensino Médio se posicionam diante da homofobia e de estereótipos de gênero, foram aplicados e analisados um grupo focal e quatorze entrevistas que apontavam as principais reflexões desses/as jovens acerca das questões de sexualidade presentes ou não na sociedade, e mais precisamente na escola. As transcrições desses quinze momentos foram categorizadas no programa Atlas TI, as quais foram posteriormente analisadas a partir do referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores.

Neste quarto capítulo, começarei com uma breve caracterização do colégio e dos/as educandos/as. Em seguida, apresentarei separadamente as ponderações coletivas, captadas através do grupo focal, e as individuais, através das entrevistas, de estudantes do Colégio Guarani. Finalizo cruzando as informações obtidas pelo grupo focal e pelas entrevistas, indicando possíveis consensos e dissensos.

4.1. Caracterizando o colégio.

Entre agosto e outubro de 2009, foi realizada uma breve observação, do tipo direta, no Colégio Guarani, escolhido para realização deste trabalho. Durante este tempo, foram observadas as instalações que compunham a infraestrutura básica do colégio, como salas de aula, sala de professores, laboratórios, pátio, quadra, biblioteca, dentre outros.

O Colégio Guarani é uma escola estadual de Ensino Médio, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro. Ele foi inaugurado em 1965, e possuía o lema “Liberdade com responsabilidade” como filosofia direcionadora. A atual proposta pedagógica do colégio mantém este pressuposto desde a época de sua fundação.

A escola atende a moradores/as de diversas comunidades e bairros cariocas: Rocinha, Vidigal, Cidade de Deus, Rio das Pedras, Gardênia Azul,

Itanhangá, Madureira, Recreio, Vargem Grande, entre outras. Apesar de ser considerado uma referência na rede estadual de ensino médio, o colégio enfrenta muitos problemas habituais dessas regiões carentes, como: violência, alcoolismo, gravidez precoce e reconfiguração do modelo familiar. Além disso, ainda precisa enfrentar a evasão escolar e a repetência, em função do próprio histórico de vida dos/as educandos/as e dos percalços resultantes das políticas públicas educacionais.

Sobre a estrutura física, o colégio apresenta três andares, com um grande número de salas de aula, uma biblioteca, uma sala de leitura, uma sala de informática, uma sala de vídeo, pátio, quadra de esportes, auditório e cantina. A escola opera em três turnos, reunindo quase três mil estudantes, sendo que existem duas direções: uma para gerenciar os turnos da manhã e da tarde, e outra para administrar o turno da noite, o qual é direcionado para Educação de Jovens e Adultos. Apesar do grande espaço que a escola possui, havia organização e limpeza em todos os espaços que visitei. O que pode indicar o quanto os/as estudantes gostam do colégio, pois só se cuida daquilo com o qual se identifica e respeita. Existe, dessa forma, um sentimento de pertencimento dos/as jovens à comunidade escolar.

A escola investe recursos em teatro e dança, com projetos sócio-educativos e professores/as voluntários. Muitos trabalhos de artes estavam expostos pelos corredores ou afixados em murais, em forma de colagens, maquetes, pinturas e cartazes. Também chamou atenção alguns cartazes voltados para conscientização de questões sociais, construídos pelos/as jovens durante as aulas, envolvendo questões de: desequilíbrio ambiental, direitos humanos, poluição, *bullying*, homofobia e racismo. Isso nos mostra o trabalho feito no sentido de sensibilizar e empoderar os/as jovens para questões relevantes do cotidiano, através de instrumentos e debates culturais.

As aulas de Educação Física parecem estimular as práticas inclusivas e participativas. Elas parecem ser um momento do qual ninguém ficava de fora. Porém, existia uma diferenciação clara entre os jogos para meninas e os jogos para meninos. Geralmente, elas ficavam de um lado, jogando queimado, com um ou dois meninos no grupo. E eles ficavam de outro, jogando futebol, sem nenhuma menina no grupo.

O pátio é um espaço dos/as estudantes. Estão no pátio durante a entrada, a saída, o recreio e quando são liberados/as das aulas. Há pouquíssimo controle sobre os/as alunos/as, que se comprova na pequena quantidade de inspetores/as presentes neste espaço, geralmente dois, e no fato de todos/as os/as

docentes estarem na sala de professores/as. Existe apenas um/a inspetor/a por andar. A disciplina parece ser um ponto forte do colégio, pois os/as educandos/as sobem para as aulas quando o sinal é batido e cuidam da manutenção da limpeza do pátio.

4.2. Caracterizando os/as estudantes.

A questão da autonomia e da responsabilidade está presente em diversas atitudes dos/as funcionários/as, o que se reflete na aquisição de responsabilidades pelos/as estudantes. Em um momento de observação, a orientadora educacional apontou uma questão relacionada com a cultura dos/as jovens: a pichação. Um dos inspetores indicou que a escola “aperta desde o início”, o que explicou como: “Se pichar, limpa a parede. Caso não saia, vai ter que trazer tinta e pintar o local”. Interessante notar o tipo de punição aplicada, direcionada para o problema e desvinculada de pontos ou notas. A proposta pedagógica do colégio inclui a identificação de limites e a diferenciação entre direitos e deveres, duas condições fundamentais para a formação ética destes/as jovens. Com isso, parece que os/as alunos/as sentem orgulho de pertencer à escola.

A escola também possui um Grêmio Estudantil, que é outro referencial de empoderamento dos/as alunos/as. A presidente é uma menina, que demonstra orgulho de pertencer ao Colégio Guarani, mas também um posicionamento crítico em relação a várias questões do colégio, como a prática pedagógica e as atitudes de professores/as em sala de aula. O fato da presidente do Grêmio ser uma menina já nos leva a refletir sobre como funciona a questão dos gêneros na escola e sobre o empoderamento feminino.

Os/as jovens utilizam formas variadas de descontração no pátio, que variaram desde ouvir músicas individualmente até jogos de cartas ou com bola. As quadras são usadas para o futebol e o vôlei, e suas arquibancadas servem de ponto de encontro. A maioria dos jogadores são homens. Alguns jovens se mantêm o tempo todo conectados a celulares e aparelhos eletrônicos, utilizando-os para ligações, trocas de mensagens, música e fotografias. O fone de ouvido é muito presente e, muitas vezes, compartilhado. Entretanto, isso não significa que não interajam, já que as conversas entre os/as participantes dos grupos ocorrem

independentemente de estarem ou não ouvindo música ou enviando mensagens.

Normalmente, são poucos/as os/as estudantes isolados no pátio. A maioria ficava em pequenos grupos conversando e interagindo. Os grupos são formados só por meninos, só por meninas ou são mistos. Não presenciei conflitos ou brigas, ao contrário, os/as jovens descreviam movimentos de aproximação e identificação com pares que compartilhavam os mesmos interesses. Também eram normais atitudes de carinho entre os namorados, na maioria das vezes, beijos escondidos entre abraços. Assim como o afeto e os abraços entre amigos: entre as meninas e entre meninas e meninos. Já entre os meninos não acontecia o mesmo, em nenhum momento eles trocam contato físico mais afetivo, a não ser tapinhas nas costas e na cabeça, sempre com sinais de agressividade. Algumas agressões simbólicas foram verbalizadas pelos/as estudantes, em situações de escárnio ou implicância, e que são encaradas com bom humor pelos/as jovens. Os/as envolvidos/as significam esses momentos como piada ou brincadeira, respondendo com risadas ou com silêncio. Em um momento, emergiu uma manifestação de homofobia velada no tom de brincadeira, quando um jovem se dirigia a outro com: *“Porra, seu bicha!”*. Em outra situação, uma menina chamou um colega negro com trejeitos femininos para a sala dizendo: *“Vamos, sua macaca!”*. Discutirei esta questão da linguagem mais adiante.

Existe ainda uma afirmação de lugares na hierarquia social durante estes momentos de interação. Nitidamente, a aparência é o principal instrumento de destaque e denúncia das posições sociais entre os/as estudantes. As meninas que mais se destacavam em relação a suas atitudes em grupo, também eram aquelas com um vestuário mais elaborado. Apesar de todas utilizarem o mesmo uniforme, existe a utilização de acessórios coloridos e grandes, desde celulares, pulseiras e brincos até mochilas e tênis. Em contrapartida, as meninas mais isoladas durante os intervalos geralmente não apresentavam tantos acessórios. Muitos meninos usavam boné. Existe uma tendência de penteados afros entre os/as jovens, que são majoritariamente negros e pardos, como o uso de drads, tranças nagô e black power.

Como já dito anteriormente, todos/as os/as jovens que participaram da pesquisa se inscreveram voluntariamente. Ao final de cada entrevista, foi entregue um formulário ao/à entrevistado/a, no qual constavam perguntas sobre idade, cor, sexo, série que cursava no momento, e bairro onde residia. Com isso, foi construído um quadro descritivo. Percebemos a composição de um grupo bastante mista, no que se referente a cor, gênero, série e local onde mora

(Anexo 1). Foram entrevistados/as oito meninos e seis meninas. Dentre estes/as quatorze, apenas um aluno declarou ser homossexual. É importante destacar que esta pergunta não foi feita a nenhum dos/as jovens, mas este teve a iniciativa de nos explicitar sua sexualidade.

4.3. Entendendo o grupo focal.

Posteriormente à observação, trabalhei com a resolução de um dilema moral, a partir da estratégia metodológica de grupo focal. Após o dilema, os/as alunos/as responderam perguntas referentes às suas decisões durante a discussão em grupo. Ou seja, o dilema moral foi discutido em grupo, mas respondido individualmente. O dilema moral discutido em grupo foi gravado e, posteriormente, transcrito. As respostas individuais foram escritas pelos próprios/as participantes e, posteriormente, digitadas.

Como já indiquei no Capítulo 1, no total, a pesquisa mais ampla do GECEC aplicou quatro dilemas morais sobre: justiça, racismo, sexismo e homofobia. Neste sub-capítulo, pretendo tratar do grupo focal sobre homofobia, englobando as informações conseguidas tanto durante a discussão coletiva, quanto nas respostas individuais.

Durante as observações, registramos três situações da escola de onde emergiam conflitos: as colas nas provas, o namoro na escola e o consumo de bebida por adolescentes. O namoro na escola foi colocado no dilema sobre racismo. O consumo de bebida alcoólica foi ponto de partida para o dilema sobre gênero. E, no dilema sobre homofobia, os/as jovens acreditaram que se tratava de um debate sobre a cola durante as provas do colégio. É importante esclarecer que a questão da homofobia não foi divulgada para os/as jovens, pois gostaríamos de observar se eles/as chegariam a esta conclusão ou não. Como veremos mais adiante, eles/as chegaram.

O dilema possuía três personagens: Fernando, Silas e Diego. Silas é um jovem tímido, muito inteligente e com poucos amigos. Fernando é popular, líder da turma e amigo de Silas. Já Diego é intimidador e marrento. Diego, durante a prova de português, pressiona Silas a lhe dar cola. Silas sente-se ameaçado. E Fernando precisa decidir entre ajudar Silas ou deixá-lo resolver sozinho. Esta é a

primeira parte, que é referente a uma situação de cola, isto é, às respostas que são trocadas entre os/as estudantes durante as provas, consideradas indevidas pelos/as professores/as. Já a segunda parte é referente a um caso de discriminação homofóbica, no qual Diego insinua para a turma um suposto relacionamento entre Fernando e Silas. Ele também ameaça Fernando com um bilhete: “*Se mete não, otário! Ou vou contar pra escola inteira aquela historinha sobre você e o viado do Silas trocando juras de amor na aula de informática. Se liga, otário!*”. De novo, Fernando precisa decidir entre intervir ou não na situação (Anexo 2). Sendo assim, examinarei brevemente a parte inicial do dilema e me aprofundarei na segunda parte, pois é a que constitui meu foco de interesse.

Na primeira parte do dilema, observei que os/as alunos/as trabalham a noção de justiça baseada no cuidado, pois a amizade aparece como elemento central para a resolução do problema da cola. A amizade é um fator importante para esses/as jovens quebrarem uma regra, por exemplo: (i) Dedurar para defender um/a amigo/a é bem aceito, (ii) Dar cola para um/a amigo/a não tem problema, (iii) Dedurar só vale se não for um/a amigo/a.

P: Então o que vale mais é a amizade, não é a situação?

F: Acho que é. Não sei. Dar cola para um amigo vale, mas dar cola para uma pessoa que não é tão amiga, não vale...

F: É isso aí. É por aí mesmo.

A amizade também é um valor relacionado à proteção. Os/as estudantes mostram que, quando um/a amigo/a não sabe se defender, deve ser ajudado/a. Notei, em três afirmações, a intenção de conciliar a existência da regra com o interesse dos/as envolvidos/as, demonstrando certa flexibilidade da regra, isto é, ela poderia mudar dependendo da situação. Esses/as alunos/as gostariam de fazer a coisa certa, mas sem se prejudicar.

M: Ele é amigo do Silas, ele tem que proteger...

P: Ele é amigo do Silas tem que protegê-lo. É isso que você acha, Marco?

Marco: É claro.

Também nos parece que os/as jovens não tomam atitudes concretas para resolução do problema da intimidação, já que quando precisam resolvê-lo procuram pelo/a adulto/a, no caso o/a professor/a, que é a referência de autoridade naquele momento. Acredito que esse comportamento ocorre, pois, geralmente em nossas salas de aula, os/as educandos/as não são estimulados/as a resolverem os problemas e conflitos, passando à responsabilidade ao/à professor/a. Contudo, sentimos que recorrer ao/à

professor/a não se baseou apenas na vontade de passar o problema à diante, ao contrário, eles/as sabiam o quê deveria ser feito e por que deveria, exigindo do/a professor/a um determinado comportamento: chamar a atenção do aluno agressor, o Diego.

P: Muito bem, vamos ver. Elena, o que você faria no caso do Fernando?

Elena: Bem, acho que eu iria chamar a professora.

P: Chamar a professora? Em que circunstância?

Elena: Ah, eu acho que iria chamar ela e iria falar: “Professora, aí, está intimidando o garoto aqui, porque ele está pedindo para dar cola e ele não tá querendo dar, e ele está intimidando”.

Nas duas primeiras perguntas escritas: “*Você é o Fernando. Qual a sua decisão?*” e “*Você é o Fernando. Como você se sente diante da sua decisão? Que idéias lhe passam pela cabeça? Que sentimentos ou valores lhe motivaram para tomar decisão?*”, quando os/as alunos/as precisam se colocar no lugar do Fernando, esse resultado também aparece. A maioria dos/as participantes (11) indica a figura da professora como recurso para resolver a situação, o que varia é a forma como isso seria feito: discretamente durante a prova (7), depois da prova (2), só se percebesse que o Silas precisa (1) e tentaria falar com Diego primeiro (1). Apenas uma resposta aponta que o Fernando deve intervir diretamente e enfrentar Diego. Eles indicam sentimentos de bem-estar, como conforto e felicidade, para descrever a decisão de intervir a favor de Silas, e justificam: “*Bem, por ter feito a coisa que para mim é o certo*”, “*Ajudei meu amigo. Tô bem*”, “*Me sinto bem, pois fiz o que eu achava que era o certo*”, e “*Me sentiria bem, pois se eu não pudesse fazer algo, gostaria que me ajudassem*”. Ou seja, vemos que, dentro desse grupo, alguns dizem que se sentem bem por terem feito o certo e outros apontam a amizade e a solidariedade presentes na ação.

Dois/duas participantes demonstram um não comprometimento com a situação, isto é, quando a situação não lhes envolve, eles não se envolvem nela:

Bruno: Eu não chamaria a professora.

P: Você não chamaria?

M: Ô contra, ô contra...

Bruno: Eu não tenho nada a ver com isso.

P: Deixaria ele se virar sozinho?

Bruno: Talvez sim, talvez não...

P: Talvez não? O que seria, então?

Bruno: Eu iria ver a situação como se não tivesse nada a ver com isso, mesmo sendo meu amigo.

Este mesmo jovem também indica, na segunda pergunta escrita, que não interviria na situação: *“Que eu fiz a coisa certa de não me intrometer, sem ser chamado”*. Entendo essa colocação como um possível reflexo do individualismo que nossa sociedade apresenta atualmente, a partir do qual as pessoas preferem não interferir na situação, acreditando que aquilo não lhes diz respeito.

Outros/as dois/duas alunos/as afirmaram que tentariam resolver o problema com os/as envolvidos/as antes de recorrer ao/à professor/a, o que mostra bom nível de autonomia por parte desses/as jovens. Inclusive, ter iniciativa é uma característica apreciada por eles/as.

P: Nesse sentido, você acha que a intervenção do Fernando é válida?

Elena: Eu acho que sim.

F: Eu acho que mesmo não o ajudando, ele não iria mudar, ele iria continuar tímido.

P: Jéssica, você acha que a gente ajuda os tímidos quando a gente toma a frente da decisão deles?

Jéssica: Às vezes.

P: Às vezes?

Jéssica: É...

P: Explique melhor.

Jéssica: É porque, às vezes, ele tem que aprender a tomar iniciativa. Se tomar por ele, não estará ajudando.

Na terceira pergunta escrita: *“Você é o Silas. Como você se sente diante a decisão de Fernando? Que idéias lhe passam pela cabeça? Que sentimentos ou valores lhe motivaram para tomar a decisão?”*, quando os/as participantes precisam se colocar no lugar do Silas, o grupo fica dividido entre a gratidão pela ajuda de Fernando e a vergonha pela falta de autonomia. Para eles/as, a autonomia é um valor muito importante. Esses/as jovens relacionam autonomia, atitude e coragem. Parece que eles/as encaram essas três características como fundamentais para a personalidade de uma pessoa. Eles/as indicam que ficariam *“Agradecida pela atitude de me defender e livrar a minha barra, mas também com o dever de agir por mim mesmo”* e *“Aliviado, feliz e um pouco constrangido, pois Fernando me ajudou, mostrando se meu amigo e constrangido por não ter tomado alguma atitude”*.

Na quarta pergunta escrita: *“Você é um aluno da turma, que também percebe o que está acontecendo. Como você se sente diante da tomada de decisão de Fernando? Que idéias lhe passam pela cabeça?”*, quando os/as participantes precisam se colocar no lugar de alguém da turma, apenas uma aluna manifestou um sentimento de solidariedade, indicando que teve vontade de ajudar: *“Estaria do lado de Fernando e disponível para ajudar Fernando e*

Silas para o que vier à frente, depois de ter sido espalhada a colação de Diego”. Os/as outros/as participantes não se envolveram na situação, parte deles/as indicou estar felizes por Fernando ter ajudado Silas, e a outra parte se declarou indiferente. Como supracitado, acredito que essa postura de não envolvimento em uma situação de injustiça desvinculada do sentimento de amizade pode estar relacionada com o individualismo reforçado em nossa sociedade. A solidariedade é exercida quando o alvo da ação é um/a amigo/a. Já um/a desconhecido/a ou alguém mais distante é identificado/a como fora do limite da responsabilidade de intervenção.

Na segunda parte do dilema, observei uma diversidade de opiniões sobre sexualidade, e senti que os/as alunos/as apresentaram certa dificuldade de conversar sobre essa temática, já que eles dirigem muita atenção à situação da cola. A conversa sobre essa atitude polêmica da sala de aula, a cola, se mostrou central e ofuscou a conversa sobre a utilização do comportamento afetuoso dos personagens como meio para intimidá-los. Em muitos momentos, eles partem da negação da homossexualidade:

F: Não tem prova suficiente de que eles são gays.

M: Na conversa, na opinião dele, ele achou que era um papo de gay, mas a opinião é de cada um. O que um pode interpretar como uma coisa, outro pode interpretar como outra.

Joe: Acho que ele não é não. Só por causa dessa conversa eles são gays ou não? Acho que não. Muitos homens conversam assim.

Jessica: Aqui não está mostrando que ele é gay nem nada. Eu ficaria calado. Pra que falar com ele? Sei que ele está errado mesmo. Eu não sou gay...

Dessa forma, alguns/algumas estudantes não trabalham com a possibilidade da homossexualidade, negando que esta seja uma opção válida. Ao não refletir sobre esta opção, alguns/algumas nem cogitaram a possibilidade de outra sexualidade, nem entram na discussão da discriminação homofóbica. Essa forma de exclusão permanece, muitas vezes, invisibilizada nas hierarquizações do preconceito social. Entendo que esta postura de negação está articulada ao que PRADO & MACHADO (2008, p. 24 e 25) chamam de *subalternidade*, a qual é atravessada por mecanismos de preconceito e inferiorização:

O preconceito se instala a partir do momento em que a diferença grupal não permite um sentido de comparação que não seja a exclusividade, isto é, uma comparação que exige hierarquização, já que a existência de uma posição

ameaça a soberania identitária de outra. Aqui, pode-se dizer que o preconceito social é o alimento necessário para tornar **invisíveis** as formas subalternas de existência, além de sustentar, com a tentativa de dar coerência a um consenso hegemônico, uma posição hierarquicamente superior. Neste sentido, as práticas homossexuais são **invisibilizadas** (Grifos meus).

Um elemento intrínseco ao preconceito sexual é a prática do silêncio e da dissimulação. O silêncio e discurso são elementos do mesmo dispositivo: saber-poder. Para FOUCAULT (2008, p. 111) é no discurso que vêm a se articular saber e poder. E os silêncios, assim como os discursos, nem são submetidos ao poder, nem opostos a ele. Esse dispositivo é complexo e instável, pois discurso e silêncio podem ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito do poder.

O discurso veicula e produz o poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras (FOUCAULT, Idem, p. 112).

Neste ponto, surgem dois questionamentos: Qual conjuntura estabelece o que é dito e o que é silenciado? E quais são os efeitos do silêncio e da negação? A conjuntura que estabelece este silêncio é possivelmente os processos heteronormativos reiterados ao longo de toda a trajetória de socialização destes/as jovens. As instituições e as relações interpessoais marginalizam as práticas homossexuais e, ao não falar delas, espera que os/as jovens não as descubram. Contudo, o que acontece é o reforço do tabu sexual. A heterossexualidade é reforçada por suas práticas discursivas, nas quais o silêncio se inclui. As normas regulatórias da sexualidade precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para que a autoridade heterossexual seja exercida. Assim, o/a jovem não reconhece a possibilidade de que seus pares realizem outra prática. Por conseqüência, ocorre a reiteração da subalternidade aos/às homossexuais. Vemos que é um movimento circular, o qual precisa ser quebrado através de práticas mais democráticas e inclusivas. Por outro lado, precisamos lembrar que nem toda agressão à homossexualidade é homofóbica, uma vez que existe um jogo de poder e de confronto no qual as diversas identidades estão inseridas.

Apesar disso, a maioria dos/as participantes tentou se aprofundar e não fugiu ao debate. Na quinta pergunta escrita: “*Você é Fernando. Qual é a sua decisão?*”, quando estão novamente na situação do Fernando, os/as participantes apontam novas e velhas soluções para resolver a confusão: falar com a professora (6), virar a zoação contra o Diego (3), partir para a briga (4),

continuar fazendo a prova e encarar a zoação (4), enfrentar o Diego (1) e consultar Silas se o namoro pode ser revelado ou não (1). Mais uma vez, vemos a figura do/a adulto/a como mediador/a do conflito, o que pode estar refletindo a experiência que eles/as observam na sala de aula para a resolução de problemas. Porém, aqui surgem novas questões: Por que quando aparece a questão da homossexualidade, surge também a violência como forma de resolução do conflito? E o que significaria “virar a zoação contra o Diego”?

Como vemos, nesta pergunta, aparecem quatro referências à briga física. Também surgem, ao longo do grupo focal, três citações à violência, como recurso para resolver o problema.

P: Renato o que você faria? A situação se complicou.

Renato: Bom, se o cara começar a me mandar bilhetinho assim, tipo me ameaçando... Sei lá, eu faria de tudo para não chegar a esse ponto, mas se chegasse a isso, eu acho que eu quebraria a cara dele. Tipo, se ele por em risco ou não que eu fosse viado, eu ia tá quebrando a cara dele.

P: Tá. E se o Fernando tivesse um relacionamento com Silas? E se você tivesse mais chances de apanhar do Diego do que ganhar a briga? O que você faria?

Renato: Ah, sei lá, eu partiria pra briga do mesmo jeito, na hora da raiva, tiro forças, tacaria a cadeira na cabeça dele.

P: Na hora da raiva você acha que tira força de onde não tem?

Renato: É, pô. Eu não deixaria chegar num ponto desses, aí o cara chega...

P: E no caso, se você tem um relacionamento com o Silas, você faria isso mesmo sem o consentimento do Silas, ou não?

Renato: Na hora, sei lá, da raiva...

Entendo que a violência pode aparecer por dois agravantes: pelo ódio cultivado a partir da intolerância às diferenças sexuais, ou pela dificuldade de conseguir expressar sentimentos. Neste caso, aponto a segunda hipótese para explicar a agressividade emergente. Posteriormente, nas entrevistas, Renato declarou ser homossexual, o que explica a raiva que ele sente sobre ameaças e brincadeiras que envolvam questões de sexualidade. Renato disse, nas entrevistas, que ele não tem espaço para diálogo e esclarecimento nem em casa, nem na escola. Para ele, faltam argumentos para resolver tais conflitos de maneira não violenta. Acredito que este não seja um caso isolado. Como Renato, ao sentir a necessidade de resolver o conflito, e sem argumentos para fazê-lo, outros/as jovens optam pela força física para decidir quem é o/a vencedor/a desse embate simbólico.

Ainda tem a questão da zoação, isto é, de virar a atenção e a brincadeira para o Diego. Apesar dos/as estudantes identificarem que a ameaça de Diego é uma situação de homofobia. Eles/as usam a brincadeira homofóbica para resolver a situação. Parece que por ser brincadeira não é grave. E por não ser

grave, é permitido. Nenhum/a aluno/a questionou tal solução do dilema como preconceito. A brincadeira ocupa um papel perigoso e permissivo. Usando a justificativa da brincadeira e da zoação esses/as alunos/as promovem discursos homofóbicos, usando a homossexualidade como instrumento de ofensa e escárnio:

F: Como é que Diego vai provar essas coisas [a relação homossexual]?

F: Vão falar que ele está com ciúminho dos dois, querem fazer um triângulo. É fácil reverter de volta para quem está zoando.

F: Com certeza.

P: É fácil? Como é que faz isso?

F: Como ela falou, revertendo os papéis, ué.

M: “Tá com ciúme deles?”.

[Risos]

P: Tiraria o foco da acusação de vocês e jogaria para o Diego?

M: Com certeza.

F: Se fosse o caso das zoações do Diego em cima do Silas, era só tirar o foco, o pessoal todo ia zoar. Pra zoar só o Diego, era só eles dois mudarem o foco.

Apesar de aparecer em cinco falas que a homossexualidade não interfere para o desdobramento das situações cotidianas, isto é, que não faz diferença para a situação se Silas é ou não gay, oito trechos do grupo focal mostram que a homossexualidade pode ser usada como ofensa. O que nos leva a refletir: A diferença sexual é ou não motivo para relações desiguais? Existe ou não preconceito? Por que os/as jovens utilizam a homossexualidade como arma de deboche? Contraditoriamente, esses mesmos/as jovens indicam que a homossexualidade quando usada como ofensa e ameaça é *bullying*, é crime, é homofobia, é preconceito. Porém, durante a resolução do conflito, não há uma desconstrução do uso da homossexualidade como algo pejorativo.

A brincadeira é, em muitos casos, o prenúncio da violência. Como já foi dito no Capítulo 3, jovens agredem física e verbalmente pessoas que eles/as julgam homossexuais sem nem saber explicar o porquê de tal conduta, o que ANDRADE (2010, p. 113 e 114) coloca como a *banalização do mal*, a intolerância assassina. O mal se torna banal quando não tem explicação convincente, nem motivação ideológica, patológica ou demoníaca. Contudo, não devemos encarar que a banalização do mal significa a normalização do mal. O mal passa a ser visto sob nova perspectiva, mas isso não diminui a monstruosidade em suas conseqüências. O/a autor/a do mal deve ser responsabilizado por suas atitudes. Diante disso, como este fenômeno se processa? Como o mal ocupa o lugar da normalidade sem qualquer explicação? ANDRADE (Idem, p. 114-115), baseado em apontamentos de Hannah Arent,

indica duas características das sociedades de massas: a superficialidade e a superfluidade: “O mal se torna banal porque os seus agentes são superficiais e suas vítimas são consideradas supérfluas”.

Na sexta pergunta: “*Você é o Fernando. Como você se sente diante da complicação do caso e da nova decisão? Que idéias lhe passam pela cabeça? Que sentimentos ou valores lhe motivam a tomar uma decisão?*”, quando os/as participantes estão novamente no lugar de Fernando, vemos a dificuldade de lidar com a exposição de uma sexualidade diferente da heterossexualidade. Alguns/mas se sentem bem com a atitude que tomaram (8). Outros/as sentem raiva (3), chateação (1) e preocupação (2). Há também aqueles/as que ficam divididos entre o bem-estar e a preocupação (2).

Na sétima pergunta: “*Você é Silas. Como você se sente com a decisão de Fernando? Que idéias lhe passam pela cabeça?*”, quando estão outra vez no lugar do Silas, as opiniões são variadas. Alguns/mas ficam bem (5), agradecidos/as (1). Outros/as ficam assustados/as (4), envergonhados/as (1) ou esperariam Fernando tomar uma atitude (2). Aqui, a vergonha não aparece associada à autonomia, e sim à denúncia da homossexualidade. Tanto no papel do personagem Fernando quanto do personagem Silas, esses/as jovens apresentam desconforto com a exposição de uma sexualidade diferente da heterossexualidade. Na quinta pergunta, muitos/muitas não conseguiram resolver o conflito por si só, partindo para briga ou chamando a professora. Agora, na sétima pergunta, alguns/mas aguardam a decisão do amigo. Possivelmente, essas reações aparecem por eles/as não saberem o que fazer em situações como essas, deixando a decisão para outra pessoa.

A expressão “sair do armário” é comumente usada para este processo de expor a homossexualidade. Sobre isso, LOURO (2010, p. 30) observa que a escola é

[...] sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância.

Assim, observa-se que a sexualidade não opera apenas no nível privado, mas também em terrenos públicos. Em nossa sociedade, a sexualidade é o marcador cultural mais forte na definição da identidade pessoal e do

pertencimento a grupos. Na medida em que a sexualidade foi sendo responsável pela definição das identidades, a intimidade, o desejo e o sexo tornaram-se práticas sociais que servem para criar tanto semelhanças quanto diferenças. Porém, as diferenças foram hierarquizadas e são tratadas de forma desigual. Para muitos/as jovens, expor sua sexualidade é estar sujeitos/as a humilhações e marginalização social. Neste sentido,

o movimento *gay* não percebe a visibilidade, a revelação da intimidade e da identidade *gay* como diminuição da sociabilidade; tampouco entende o silêncio como proteção, embora ainda hoje muitos *gays* compreendam suas identidades homossexuais dessa forma, ou seja, somente mantendo sua intimidade como *gays* em segredo poderão manter a sociabilidade ou a “aceitação social” ideal, e aí o silêncio é entendido como proteção. Por isso, quando o movimento *gay* luta por visibilidade através da política do “sair do armário”, está lutando contra a organização da cultura e de nossa herança moderna de uma sociedade vigilante e classificadora da sexualidade (FERRARI, 2004, p. 110).

Ainda, ao contrário do que ouvi sobre a necessidade de exposição da sexualidade, três falas indicam que nem Silas nem Fernando devem assumir a homossexualidade publicamente, pois isso não seria respeitoso com o parceiro. Estas três falas são do mesmo jovem, Greg, e indicam que em um relacionamento é importante levar em consideração a opinião e a vontade do/a parceiro/a, independente da orientação sexual que o casal possui. Vale destacar que considero que Greg seja heterossexual⁵. É interessante notar também que posteriormente, nas entrevistas, Greg afirma que tudo que sabe é proveniente de ensinamentos do pai. O pai é uma figura muito presente nos discursos deste jovem. Ele indica que o pai sempre o orientou a respeitar o próximo, independente de quem seja. Em suas declarações vemos que os ensinamentos dos mínimos éticos estão presentes desde sua mais tenra infância, contribuindo na formação de seus valores.

Este jovem expõe exatamente o contrário da “banalização do mal”: ele possui opiniões éticas localizadas em princípios tolerantes de convivência com a diferença sexual. Fica aqui o inquietamento: estamos educando nossos/as filhos/as da melhor forma possível? O exemplo bem-sucedido de Greg não me parece impossível de ser reproduzido: educar para valores e para o respeito desde o nascimento. Neste processo, o adulto, enquanto exemplo vivo, deve ser uma figura presente e significativa, tal como Greg indica ser a figura paterna em sua formação moral.

⁵ Esta afirmação está baseada no fato do entrevistado apresentar à pesquisadora sua namorada no dia da entrevista individual.

Greg: No caso, antes de falar isso pro Diego, ele teria que perguntar primeiro para o Silas, se ele gostaria de assumir a situação.

P: Ah! Também tem isso, né?

F: No meio da prova, é complicado.

Na oitava pergunta: “*Você é um aluno da turma, que também percebe o que está acontecendo. Como você se sente diante da complicação da situação e da tomada de decisão de Fernando? Que idéias lhe passam pela cabeça?*”, quando os/as participantes estão novamente no lugar de alguém da turma, indicam os sentimentos: normal (5), assustado (2), entusiasmado com a fofoca (2), reconhecedor da atitude do Fernando (3), e reprovador da atitude de Diego (2). A indiferença e o não-envolvimento mais uma vez aparecem. Contudo, por mais que reprove a ameaça homofóbica de Diego, ninguém toma uma atitude concreta. Neste ponto, entendo que esses/as jovens encaram a homofobia como um acontecimento relacional, que deve ser resolvido entre as pessoas que entraram em conflito. Em nenhum momento, eles/as apontam a homofobia como um fenômeno com dimensões mais amplas que atinge e, de certa forma, regula toda a sociedade. BORILLO (2010, p. 18) nos aponta que existe uma dupla dimensão na questão da homofobia: rejeição irracional (homofobia afetiva) e construção ideológica (homofobia cognitiva). Por isso é importante considerá-la tanto no plano individual quanto no plano social. Por mais que os/as participantes consigam identificar que existe uma rejeição homofóbica, eles/as não demonstraram entender a lógica heterossexista que circunda tal fenômeno.

P: Olha, imaginem, até o momento Fernando não disse nada, se ele é gay ou se ele não é gay. Aí, de repente, ele resolve assumir no meio da prova que eles dois namoram. Você sendo uma pessoa de fora, outra pessoa da turma, como é que você ia se colocar, o que ia pensar?

F: Ele não ia pegar e assumir. Ele não vai pegar e falar.

F: Se eu fosse o Fernando, eu iria chamar a professora e falar: “Professora, aqui ó! Ele me mandou um recado me ameaçando”. Contaria logo a história toda, toda essa situação da prova, que ele estava querendo colar. Também não ia pegar e ia falar tudo.

P: Aí o Diego fala assim: “Ah! eu salvei a sua resposta do MSN e vou colocar no meu Orkut”.

[Risos]

F: Mais isso é... Como é o nome da palavra?

Vários: Homofobia.

Aqui também uma aluna apresenta a certeza da heterossexualidade de Silas e Fernando: “*Acho normal, pois se ele tem certeza que não é gay, por que se estressar?*”, o que é mais um exemplo de negação da homossexualidade ou do seu silenciamento.

Por fim, cabem aqui alguns questionamentos, entre os quais destaco: Existe espaço para debater as sexualidades na escola? Com quem esses/as jovens conversam sobre isso? Até que ponto a diversidade de resposta é um fato positivo? Isso poderia ser um reflexo da ignorância dessa temática por esses/as jovens? A partir dessas questões, sistematizei outras, que compuseram as perguntas das entrevistas.

4.4. Entendendo as entrevistas.

Posteriormente ao grupo focal, trabalhei com entrevistas individuais, a fim de esclarecer e aprofundar as questões que surgiram anteriormente. Essas entrevistas duraram cerca de quarenta minutos cada uma e foram, posteriormente, transcritas. Elas foram realizadas com dois pesquisadores. Estive presente a todas elas. O outro entrevistador era um aluno de mestrado do mesmo grupo de pesquisa, isto é, também do GECEC. Nelas, os/as entrevistados responderam a cinco perguntas sobre sexualidade e homofobia (Anexo 3). A seguir, irei explorar cada uma dessas cinco perguntas. Para facilitar minha análise, construí um quadro resumo (Anexo 4).

Na décima quarta pergunta: “*Você acha que os homossexuais (gays, lésbicas, bissexuais, travestis) são discriminados?*”, todos/as os/as entrevistados/as responderam positivamente. O que variaram foram as explicações dadas para tal percepção.

A primeira informação relevante aqui é que a discriminação homofóbica é vista por esses/as jovens como um fato presente no contexto social em que se encontram. Eles/as relacionaram a discriminação de homossexuais a três das cinco instituições que considere fundamentais para o controle heteronormativo das sexualidades: a família, a religião e a escola. E, como veremos mais adiante, esses/as mesmos/as entrevistados/as relataram que não há espaço no colégio para conversar sobre a diversidade sexual e, com isso, esclarecer dúvidas e educar para valores dentro de tal questão. Seriam estes dois fenômenos relacionados? A falta de formação e informação cultural e ética, mais especificamente no campo da sexualidade, nas práticas pedagógicas, estaria relacionada à perpetuação de situações homofóbicas dentro e fora da escola?

Seis entrevistados/as disseram que os/as homossexuais são muito discriminados/as e relataram situações em que a homofobia acontece por causa da subversão dos estereótipos de gênero. As concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos que os constituem (LOURO, 2008a, p. 23). No contexto analisado, a entrevistada Elena relatou que um amigo não depila a sobrancelha porque, para ele, “isso é coisa de viado”. Neste caso, a vaidade parece ser um atributo exclusivo das mulheres. Logo, um homem vaidoso é rotulado como homossexual. Para evitar que seus pares o vejam dessa forma, que aparentemente ele a considera como inferior, o jovem recusa a vaidade.

P: E sobre os homossexuais? Gays, lésbicas, bissexuais... Eles são discriminados?

Greg: Isso é o que não mudou ainda. Eles são bastante discriminados.

P: Então, explica pra gente um pouco. Como é que acontece a discriminação? Por que você acha que isso acontece?

Greg: Bom, porque pra todo mundo, principalmente pra sociedade, é... A sociedade segue um padrão. Se algo vem muito fora desse padrão, a sociedade se assusta. Vamos supor - você compra uma bicicleta, uma bicicleta é para andar. Se a bicicleta não tá andando: “Opa! Tem alguma coisa errada aí”, né? Não é isso? Aí, no caso, na sociedade é o quê? Homem que casa com mulher e tem filhos. E os filhos também: homem com mulher.

P: E isso é o padrão?

Greg: Esse é o modelo que todo mundo considera padrão. Aí vem uma pessoa, um garoto que gosta de outro garoto, aí “Opa! Que isso!”. Um garoto tem que gostar de uma garota. É isso que assusta a sociedade. Então, o que acontece? Aí é que vem o princípio do instinto de sobrevivência. Um animal - tudo que é estranho pra um animal, ele se assusta e toma distância. Então, o que acontece? Aparece um gay: “Pô, um gay e num sei o quê”. Eu já vi muito. Se vem um gay, a mãe já pega o filho pequeno, “Opa! Vem pra cá, não sei o que, não fica perto dele”, porque tem esse preconceito.

P: E por que você acha que isso acontece? Por que a mãe tira essa criança de perto?

Greg: Porque acha que o gay vai ser uma má influência, porque acha isso ridículo, porque acha que lesbianismo e homossexualismo são uma doença, que vai passar.

Ainda neste trecho de entrevista, vemos sendo abordadas duas questões:

(1) a homossexualidade vista pela sociedade como uma doença, enquanto a heterossexualidade seria uma forma saudável de orientação do sexo, e (2) o medo ao diferente. Existem diversos marcadores culturais que constituem a identidade do sujeito. Dentre todos, considero a sexualidade como o que teria um papel mais forte, transcendendo as práticas sexuais, transcendendo a escolha de parceiros/as, constituindo-o. A transitoriedade ou/e a contingência de outros marcadores identitários são socialmente aceitas, mas a situação torna-se mais complicada se um processo semelhante ocorre em relação às identidades

de gênero e sexuais (LOURO, 2010, p. 12). O sujeito é homem ou é mulher, o que carrega a heterossexualidade implícita. Como aponta LOURO (2008a, p. 28-29), a homofobia pode se expressar ainda numa espécie de terror em relação à perda do gênero, ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher verdadeiros/as.

Nessa perspectiva, as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas por heterogêneros e são, também, atravessadas por eles. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos e são fabricadas por eles. Dessa forma o “outro” é tudo aquilo que desvia ao modelo. Outras formas de heterossexualidade, comportamentos não esperados para os gêneros e todas as formas de homossexualidade, bissexualidade e transexualidade são consideradas “outros”. Ao ser reduzido a um desses marcadores identitários negativos, o sujeito é colocado fora do universo comum dos humanos, à margem da sociedade. O heterossexismo, visto como sistema no qual uma sociedade organiza um tratamento segregacionista de acordo com as identidades sexuais, e a homofobia, vista enquanto o resultado psicológico da representação social que confere legitimidade ao modelo heterossexual (BORILLO, 2010, p. 23), estão articulados na manutenção da ignorância ao diferente, do medo ao estranho e, conseqüentemente, da intolerância.

Também Elena, uma das entrevistadas, fez uma distinção entre homens e mulheres. Segundo ela, os homens são mais homofóbicos que as mulheres. As categorias hegemônicas de gênero e sexualidade não são autônomas, nem inocentes: cada uma só existe em função da outra e a partir da negação de seus contrários. Ser homem é, antes de tudo, não ser mulher. Ser heterossexual é, em primeiro lugar, não ser homossexual. O processo de identificação sexual ocorre durante toda a vida, mas se intensifica na adolescência. Nessa fase da socialização masculina, os meninos tendem a negar a feminilidade e tudo o que se associa a ela para definir a própria masculinidade (BORILLO, Idem, p. 89). Este pode ser um motivo pelo qual a homofobia esteja mais presente nas relações inter e intrapessoais dos meninos. No entanto, tal percepção não poderia ser utilizada como justificativa para os atos de violência física e verbal que observamos entre meninos, segundo alguns depoimentos.

P: E os homossexuais, gays, lésbicas, travestis. Eles são discriminados?

Elena: São. Muito discriminados.

P: Como?

Elena: A maioria das pessoas que discriminam são os homens. Eu vejo assim: “Ah não isso é coisa de viado”, “Eu não vou fazer isso porque isso é muito gay e não sei o que”. Os homens são quem mais discriminam. As mulheres não têm muito

esse problema porque as mulheres têm muitos amigos gays. E os homens, eles não apóiam esse tipo de homossexualismo nos homens, os homens serem gays. Mas as mulheres tudo bem, as mulheres podem ser, entendeu? [Risos] Eu acho que isso é muito machista, porque os homens têm que ser machões, mas as mulheres podem ser lésbicas, não tem problema. Mas são mais os homens, preconceito dos homens com os homens mesmos.

P: E das mulheres com as mulheres?

Elena: Eu acho que das mulheres com as mulheres eu não vejo muito, eu não vejo muito as mulheres tendo preconceito com o homossexualismo.

P: Nem com as meninas homossexuais?

Elena: Não, não vejo, eu não vejo assim, no meu meio assim eu não vejo. Mais os meninos falando: “Ah! isso é muito gay, que viado aquele garoto”, tipo assim.

P: Porque que você acha que é assim?

Elena: Ah, eu acho que muita coisa é a partir da criação, eu acho que os meninos que são assim eles foram criados assim com a figura do pai falando pra eles que ser viado não presta, não sei o que, eu acho que é bem... Agora, tem meninos que são tranquilos quanto a isso, amigos meus que não tem problemas são amigos de gays também e não tem problema nenhum. Eu acho que é bem da criação mesmo.

Deste modo, quatro alunos/as indicaram a criação que a criança recebe como um forte fator de reprodução de um pensamento heterossexista. Para eles/as, a criação envolve tanto a família (3), quanto a religião (4). Identidades homossexuais e identidades heterossexuais certamente não são construídas apenas através de mecanismos de repressão ou censura, elas se fazem também através da referência pelas práticas e relações que instituem os gestos, pelos modos de ser e de estar no mundo, pelas formas de falar e de agir, e pelas condutas e posturas apropriadas. Identidades sexuais se produzem nas e pelas relações de poder. É na família que ocorre o primeiro contato do sujeito com o “outro”, isto é, é a primeira referência que o sujeito terá de gestos, comportamentos, posturas e crenças. E por que não de preconceitos também? Afinal, ninguém ou nenhuma família está livre deles.

Além disso, a família pode ter seus padrões moldados a partir da religião que pratica. É nesse ambiente que o sujeito constrói sua identidade e o que pensar, como pensar e por que pensar. Todavia, essa construção não é dada ou acabada num determinado momento, nem no nascimento, na infância ou na maturidade. O sujeito está sempre se constituindo em identidades e idéias. Elas são instáveis e, por isso, passíveis de transformação. E ainda, “os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens - reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente” (LOURO, 2008a, p. 61).

P: Como acontece essa discriminação?

Renato: Ah, começa excluindo a pessoa, começa com aquelas fofquinhas: “Ah! não sei quem é gay”, “Olha como ele se veste!”, “Olha como ele fala, como ele

anda!”. E fica apontando sempre o que a pessoa fez, o que a pessoa faz.

P: E por que isso acontece?

Renato: Porque são pessoas burras, que tem cérebro de passarinho, porque não sabe conviver com as diferenças.

P: Por que discriminar é ter cérebro de passarinho?

Renato: Porque não tem nada a ver. Tipo, o que torna uma pessoa homossexual menor que você ou, sei lá, que não tenha nada a acrescentar em você? O que torna o homossexual uma figura tão ruim pra ela, sabe? Não sei. É, não sei se é porque a pessoa vem com aquela mentalidade dos pais, que são da Igreja, talvez, que condenam esse tipo de pessoa, talvez, não sei. Mas, com certeza, a culpa não é da pessoa, é da criação dela, porque isso vem da criação dela.

P: Você acha que os homossexuais são discriminados?

Amber: Sempre vão ser também, principalmente por questões religiosas, porque eles sempre encontram fundamentos ou razões para que estas pessoas não sejam aceitas. Mas a mesma forma com que acontece com o racismo, vai evoluindo com o tempo.

Essa mesma aluna, Amber, relatou um caso de discriminação partindo de uma professora, dentro da escola. Segundo o depoimento, esta professora é negra e discrimina ativamente seus/suas alunos/as homossexuais. Amber afirmou que uma pessoa que sofre um tipo de preconceito deveria ser contra qualquer outra forma de discriminação. Ela também indicou a influência da religião evangélica como uma possível causa para a não indignação dos alunos da sala. Contudo, precisamos ponderar que a professora é a figura de autoridade da sala de aula e, mesmo discordando, alguns/mas alunos/as podem não ter se expressado receando sofrerem algum tipo de retaliação. Aqui, cabe dizer que é importante que o/a docente desenvolva uma problematização mais complexa, na qual ele deverá lidar com as múltiplas combinações culturais e, com isso, observar que as relações de poder, a hierarquização das diferenças e a subalternização do “outro” são questões que perpassam todos os marcadores culturais presentes dentro e fora do espaço escolar. Trabalhar estas questões a partir de qualquer marcador identitário que seja é iniciar a reflexão e a auto-reflexão a partir da qual docentes e discentes poderão modificar e aperfeiçoar suas noções de direitos, deveres e valores, para talvez alcançar uma convivência ética mínima e tolerante.

P: E na escola, você já viu alguma situação de racismo?

Amber: De racismo, não. Aliás, aconteceu uma coisa engraçada. Uma professora, da minha atual escola, ela sempre reclamava das pessoas que eram racistas com o filho dela. Ela é negra e o filho é negro. Mas, na sala de aula, ela falou que era totalmente contra os homossexuais e que eles não podiam estudar na escola.

P: E o que você acha disso?

Amber: O que você acha que eu acho disso? Lindo? Claro que não, né?! É uma coisa contraditória, porque ela não gosta que eles sejam preconceituosos com ela por causa da cor, mas ela se acha no direito de ser preconceituosa com outras pessoas por motivos que não sejam a cor. Não faz sentido exigir um direito que

ela mesma está quebrando de outra pessoa.

P: E os seus amigos, o que acharam disso? Chegaram à mesma conclusão que você?

Amber: Ah, difícil, porque a maioria destas pessoas que estudam nesta escola é evangélica e elas também são contra. Então eles que meio concordaram com ela, alguns não concordaram com a maneira com que ela se pronunciou, mas a maioria concordou. É triste.

Ainda sobre a influência da religião nesta questão, outro aluno, Joey, assumiu que desaprova, porém afirmou que não discrimina, relacionamentos homossexuais:

P: Bom, o que você acha sobre os homossexuais, gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis? Esses são discriminados?

Joey: São, mas assim, nesta questão de homossexual, na minha religião, eu sou um pouco do lado evangélico, eu não vou à igreja, mas eu tenho a idéia evangélica. E assim, na bíblia tem que o homem é homem e a mulher é mulher e um foi feito para o outro, né? Quando a pessoa age contra esta idéia, para mim, é um desrespeito à religião, entendeu? Não sei também se é a vontade da pessoa, não sei, eu não tenho nada contra se ela quer ser homossexual ou não, mas eu não... Para mim eu não acho certo. A pessoa não vai mudar de opinião, mas eu não acho certo, não acho legal.

Como já vimos no Capítulo 3, o pensamento judaico-cristão possui uma tradição moral que condena a homossexualidade, por transgredir aos papéis masculino e feminino e, com isso, à Lei de Deus.

Segundo a Igreja, se é possível pressupor que os atos homossexuais consentidos não prejudiquem a pessoa, comete-se um profundo equívoco, porque eles são contrários a algo muito mais precioso que a liberdade de outrem, a saber: tais atos opõem-se à ordem natural dos sexos e das sexualidades, assim como à vontade divina, que, ao criar-nos homens e mulheres, atribuiu uma posição preeminente, no âmago dessa ordem, à heterossexualidade (Borillo, 2010, p. 61).

Na décima quinta pergunta: “*Para você o que é homofobia?*”, dez jovens conseguiram alcançar alguma dimensão, segundo BORILLO (2010), do que é homofobia.

P: O que é homofobia? Como você explica essa palavra?

Bianca: É um preconceito mortal relacionado ao fato de uma pessoa ser gay.

P: Você sabe o que é homofobia? Já ouviu falar nessa palavra?

Dean: Já.

P: O que significa, pra você, homofobia?

Dean: São aqueles caras que não aceitam a sexualidade dos gays e por isso espancam, batem ou fazem coisas do tipo com eles.

No entanto, a homofobia possui diversas dimensões, basicamente podemos dividi-las em pessoal-afetivas e sócio-políticas. Os/as entrevistados,

quando responderam assertivamente à pergunta, indicaram a dimensão pessoal-afetiva, fazendo menção aos relacionamentos interpessoais dentro e fora da escola. No entanto, não foi possível perceber entre as falas uma elaboração mais explícita sobre a visão sócio-política, na qual existem uma hierarquização e valorização das sexualidades e que, por isso, os/as homossexuais têm seus direitos limitados e seus espaços de expressão marginalizados. BORILLO (Idem, p. 34) irá sintetizar esta questão dizendo que

a homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica de sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hétero) em detrimento da outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e, dessa postura, extrai conseqüências políticas.

Renato, o único homossexual assumido do grupo de entrevistados, indica que conhece a palavra, mas não aprendeu seu significado na escola.

P: Pra você o que é homofobia?

Renato: Homofobia é aversão aos homossexuais.

P: Você já ouviu essa palavra outras vezes?

Renato: Já.

P: Foi aqui na escola ou na rua?

Renato: Aqui na escola, não. Mas mais no curso [de fotografia] que eu tô fazendo e tem muito homossexual lá. Eles lutam contra a homofobia, e tal. Tem gente até que participa de grupos que organiza a Parada Gay e tal e luta por isso.

Outros/as três jovens não conseguiram explicar o que é homofobia e uma entrevistada deu explicações equivocadas.

P: Pra você, o que é homofobia? Você sabe o que significa homofobia, já ouviu esta palavra alguma vez?

Joey: Acho que já, mas não lembro o que significa.

P: Não? Não faz idéia?

Joey: Nem um pouco, não.

P: E pra você, o que é homofobia? Como você explicaria a homofobia.

Fernanda: Uau! Homofobia...

P: Você já...

Fernanda: Ahã!

P: ...escutou essa palavra?

Fernanda: Já. [Risos] Pelo menos, me corrija se eu tiver errada, mas, pra mim, homofobia é pessoas que tem fobia de pessoas.

Com isso, vemos que a escola muitas vezes se omite do papel esclarecedor e libertador que deveria assumir. CANDAU (2008, p. 13-17) afirma

que “não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Dessa forma, toda experiência pedagógica é uma experiência cultural”. E, “se todo o processo de ensino-aprendizagem é ‘situado’, a dimensão político-social lhe é inerente” (CANDAUI, 1983, p. 15). Dessa forma, é importante e faz parte da prática pedagógica pensar a ancoragem histórico-social dos conteúdos e dos valores difundidos. Isso significa ver na escola um espaço para crítica e produção cultural das sexualidades. O que promove um questionamento constante dos diferentes discursos que levam à instituição das identidades sexuais, individuais e coletivas. Assim, as questões sexuais podem ser ressignificadas dentro das relações escolares de poder, contribuindo para a superação da homofobia, enriquecendo a experiência pedagógica e ampliando o horizonte dos/as estudantes para além dos muros da escola.

Na décima sexta pergunta: “*Você já presenciou algum tipo de discriminação contra homossexuais?*”, onze estudantes relataram alguma situação, enquanto três deles/as não. Durante esta parte da entrevista, surgiram seis comentários sobre as brincadeiras que os/as jovens fazem envolvendo a sexualidade. Enquanto alguns/mas consideraram que as brincadeiras não são manifestações de agressão, “são só brincadeiras”, naturalizando e banalizando as expressões de preconceitos, houve os/as que enfatizaram que as piadinhas ofendem e partem, freqüentemente, dos rapazes.

*P: E você lembra de algum exemplo de discriminação contra homossexuais?
Jéssica: No colégio, tem aquelas brincadeirinhas, né? “Coisa de viado”. É isso.*

A homofobia é um fenômeno complexo e variado que pode ser percebido tanto nas piadas e brincadeiras que ridicularizam o rapaz efeminado e/ou moça masculinizada, como em formas mais brutais, chegando até a vontade do extermínio, como tem sido o caso das agressões a homossexuais na sociedade brasileira⁶, e como também foi o caso da Alemanha Nazista. Segundo BORILLO (2010, p. 86),

se existe a estimativa de que 15.000 homossexuais tenham sido vítimas desses campos [de concentração], parece razoável considerar que, no mínimo, 500.000

⁶ Um exemplo recente ocorreu em novembro de 2010, na Avenida Paulista, onde três amigos andavam pela rua e cinco rapazes vinham na mesma calçada em sentido contrário. Um desses cinco estava com uma lâmpada fluorescente na mão. Em determinado momento, sem qualquer motivo aparente, o rapaz deixa o grupo e acerta uma das lâmpadas no rosto de um dos três amigos. Em seguida, continua com novos golpes. Ao ser questionado por segurança que foi intervir na situação, sobre por que fez isso, o rapaz responde: “Batemos porque ele é viado”. Também em novembro de 2010, após a 15ª Parada Gay do Rio de Janeiro, um sargento militar baleou um rapaz de dezenove anos, e hostilizou mais alguns que namoravam, no Arpoador.

homossexuais tenham sido mortos nas prisões, nas execuções sumárias, por suicídio ou por ocasião de tratamentos experimentais. [...] As pessoas que traziam o triângulo cor-de-rosa nos campos de concentração nunca chegaram a ser reconhecidas como vítimas do nazismo e, por conseguinte, elas não receberam qualquer indenização. [...] A possibilidade oferecida às vítimas, no final da Segunda Guerra Mundial, de solicitar uma espécie de asilo ao governo dos EUA foi expressamente recusada aos homossexuais em razão de sua “doença”.

Também aparecem, nas entrevistas, cinco relatos sobre agressões verbais sofridas por homossexuais, quatro situações em que o/a homossexual foi excluído/a de um grupo e um depoimento em que um travesti foi agredido fisicamente. Porém, esse jovem, o Mark, não indica qual foi o motivo que levou à briga entre esses dois desconhecidos. Sabemos que a homofobia em seus extremos pode levar a agressões verbais e até a morte. Mas existem muitos outros motivos que também tem esse fim. Assim, não podemos reduzir todos os conflitos que envolvem a sexualidade à homofobia. É necessário cuidado ao analisar tais situações. Do contrário, poderemos transformar agressores em vítimas, e vice-versa.

P: Você já viu alguma situação de discriminação?

Mark: Já, na rua, um cara batendo, acho que era um travesti. O cara tava batendo num travesti.

P: Perto da sua casa isso?

Mark: Não, na rua, assim, não lembro aonde era, mas tava batendo.

P: Era de dia? De noite?

Mark: Era de noite.

P: E alguém ajudou o travesti?

Mark: Não, ele tava sozinho.

Dentre todos os relatos, oito se passavam na escola. Renato percebe que o tratamento é diferenciado, pois se sente excluído de alguns espaços de sociabilização do colégio.

P: E em outros ambientes? Você já foi discriminado?

Renato: Não. Na escola, óbvio.

P: Na escola, você sente, então, que você é discriminado por ser homossexual?

Renato: Sinto.

P: Como é que é isso? Você pode contar como é que são algumas situações que você sabe que é discriminado?

Renato: Ah, situações onde tem grupinhos de homens, tanto homens como mulheres, que eles ficam conversando, aí olham pra você e faz cara feia. Eu acho que isso é um tipo de discriminação. Tá te excluindo, sabe?

Jovens gays e lésbicas crescem em um ambiente que desenvolve abertamente sua hostilidade homofóbica. A pesquisa “Perfil dos Professores Brasileiros”, realizada pela UNESCO (2004, 144-146), entre abril e maio de 2002, em todas as unidades da federação brasileira, na qual foram

entrevistados/as cinco mil professores/as da rede pública e privada, revelou, entre outras coisas, que para 59,7% deles/as é inadmissível alguém ter relações homossexuais e que 21,2% deles/as tampouco gostaria de ter vizinhos/as homossexuais/as.

Outra pesquisa, sobre o perfil sociopolítico dos/as participantes da 9ª Parada do Orgulho LGBT na cidade do Rio de Janeiro, realizada em 2004, revelou, entre outras coisas, que 26,8% dos/as entrevistados/as relatou ter sido marginalizado/a por professores/as ou colegas na escola ou faculdade.

É importante ressaltar que esse percentual é muito alto, ficando próximo ao dos ambientes em que a discriminação é mais percebida – a família e as amizades. A discriminação na escola, contudo, assume dimensões de uma epidemia grave quando as vítimas são muito jovens. Nada menos que 40,4% dos adolescentes entre 15 e 18 anos foram vítimas dessa experiência. Entre jovens de 19 e 21 anos, 31,3% referiram-se a discriminações na escola ou na faculdade (CARRARA & RAMOS, 2005, p. 80).

Contudo, um dos/as entrevistados, o aluno Matheus, apesar de declarar que os/as homossexuais são discriminados/as na pergunta anterior, aqui não percebeu preconceito sexual na escola. Será que Matheus nunca teve oportunidade de presenciar uma situação homofóbica na escola? Ou será que a subalternização do/a homossexual é um fenômeno que está sendo incorporado pelos/as jovens a tal ponto de se tornar naturalizado e corriqueiro?

P: Já aconteceu de você está andando com um amigo seu que é gay e todo mundo sabe que ele é gay, e as pessoas começarem a comentar, a falar e discriminar você também que está junto com ele?

Matheus: Não. Eu comecei a ter amigos homossexuais a partir do ano passado, no colégio mesmo. Mas no colégio mesmo nunca teve preconceito nenhum contra os homossexuais.

Na décima sétima pergunta: “O que você acha de alguém que esconde que é homossexual de pais, amigos ou professores?”, três jovens julgaram negativamente, indicando que o/a homossexual deve assumir sua homossexualidade; sete indicaram que revelar a orientação sexual dependeria do contexto social em que o/a homossexual está inserido; e dois não conseguiram responder a esta pergunta. A exposição da sexualidade foi o assunto mais comentado durante as entrevistas, aparecendo em vinte trechos diferentes.

Diversas instâncias sociais realizam uma pedagogia da sexualidade, a fim de reiterar práticas e identidades hegemônicas enquanto subordina e recusa tantas outras. Entre elas, temos a escola, cuja tarefa consiste em incentivar uma

sexualidade “normal” ao mesmo tempo em que precisa contê-la. Isto é, a escola deve, ao mesmo tempo, estimular a heterossexualidade e conter a expressão sexual, visando à pureza dos/as jovens. Os/as estudantes que se atrevem a expressar de forma evidente sua sexualidade são alvos de vigilância redobrada. Mais regulados/as são aqueles/as que demonstram interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses/as restam poucas alternativas, como: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. Algumas pessoas até aceitam as homossexualidades, caso a identidade e a prática esteja em segredo, isto é, limitada ao campo da vida privada. “O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não heterossexuais” (LOURO, 2010, p. 29). Nesse contexto, é sempre uma luta expressar uma estética, uma ética e um modo de vida homossexuais que não querem ser rotulados como alternativos, mas sim existir publicamente, coexistir, como os demais.

P: E o que você acha desta pessoa que esconde que é homossexual?

Amber: Eu não julgo e nem acho que ela está fazendo errado, porque tanta coisa acontece de ruim quando a pessoa se assume que às vezes é melhor mesmo ela, tipo, nunca falar para ninguém que ela é homossexual. Por exemplo, tem vários amigos da minha idade que são e que não podem falar porque vão ser expulsos pelos pais de casa se falarem. Então é melhor que eles não falem, melhor que eles esperem que sejam emancipados, que eles sejam donos da vida deles para depois contar e também procurar lugares e pessoas que aceitem eles como eles são, senão eles teriam que passar uma vida mentindo.

P: E além deste fator dos pais não aceitarem, por que você acha que isso acontece? Por que as pessoas escondem que são homossexuais?

Amber: Por medo, porque elas não querem ser hostilizadas por serem homossexuais.

P: Quais são as conseqüências da pessoa que se assume homossexual?

Amber: Ah, vários lugares não aceitam que eles estejam, as pessoas olham de uma maneira, tipo julgam através do olhar, ou de qualquer coisa dessa pessoa, e sei lá, este tipo de coisa. Podem perder o emprego, alguma coisa assim.

A maioria dos/as jovens que participaram disse que o/a homossexual tem o direito e deveria afirmar sua sexualidade tanto quanto o/a heterossexual. Contudo, eles/as indicaram que, no contexto social em que vivemos, o preconceito existente dificulta este processo. “Para aqueles e aquelas que se reconhecem nesse lugar, ‘assumir’ a condição de homossexual ou de bissexual é um ato político e, nas atuais condições, um ato que ainda pode cobrar o alto preço da estigmatização” (LOURO, Idem, p. 31). Muitos/as deles/as apontaram o julgamento negativo e a reprovação da família como o motivo principal para que homossexuais escondessem sua sexualidade.

Bianca: Bom, se ela esconde é porque ela teme o que possa acontecer quando ela se revelar. Mas se ela acha que ela vai se sentir bem mostrando que é ela, deve sim se mostrar. Não pra todos, mas assim, pros amigos, pra família.

P: E por que você acha que isso acontece, por que uma pessoa se esconde?

Bianca: Ela tem medo de perder o amor das pessoas em volta. A não aceitação. Eu tenho um amigo que ele já foi posto fora de casa porque contou pra mãe que é gay.

Contudo, se expor a homossexualidade não diminui as piadas homofóbicas, a definição dessa situação parece levar a uma sensação de maior conforto para o/a homossexual. Os/as jovens sentem a necessidade de um posicionamento da sexualidade, não só a auto-definição como a definição dos seus pares. Isso reforça a idéia de que a sexualidade é o marcador identitário mais arraigado à identificação pessoal. Não obstante, é interessante que instituições e indivíduos precisem desse “outro”, pois, como para ser heterossexual é preciso antes de tudo não ser homossexual, eles necessitam da identidade sexual subalternizada para se afirmarem na medida em que a rejeitam. Por isso, identidades sexuais menos prestigiosas precisam existir e aparecer: elas são a referência para a sustentação da identidade heterossexual.

P: E na escola, existe espaço pra conversar sobre isso?

Renato: Não.

P: Nem entre alunos, nem entre alunos e professores?

Renato: Muito menos, muito menos.

P: Qual que é mais?

Renato: Acho que não tem.

P: Isso não é conversado na escola?

Renato: Não é conversado. Eles vêm, assim, o pessoal que é bem resolvido, o pessoal homossexual que é bem resolvido consigo mesmo acaba sendo bem resolvido no meio de todo mundo também, inclusive com professor. E todo mundo se trata normalmente, mas claro que fica preconceito ainda. Agora, o pessoal que não é bem resolvido ainda, sofre mais por estar escondendo, o pessoal vendo, as pessoas julgando e ele ali, sabe? Naquela situação.

Renato ainda relatou que contar para sua família foi um processo difícil e até hoje ele não foi totalmente aceito. Ele também nos contou que o melhor amigo se afastou. Renato ficou emocionado ao lembrar, por isso esse foi um momento muito delicado da entrevista. A família, uma das instituições reguladoras da sexualidade, imprime em seus ensinamentos a matriz heteronormativa e reprova tudo o que se distancia dela. Outros/as alunos/as também relataram situações em que amigos e amigas, ao assumirem a homossexualidade para pais e mães, foram expulsos de casa ou agredidos verbalmente. A meu ver, é de extrema urgência que a família seja abordada, a fim de compreender que ter um filho ou uma filha homossexual não se constitui necessariamente em um problema. Ao contrário, a maior preocupação desta

instituição deveria ser a rejeição de seus/suas filhos/as em decorrência da orientação sexual que possuem, o que leva a uma violência traumatizante cheia de mágoas e cicatrizes. Durante as entrevistas, esta me pareceu a principal angústia dos/as homossexuais adolescentes, mais do que a convivência escolar: a aceitação da família.

P: Deixa eu te perguntar uma coisa. Esse momento em que você optou dizer ser homossexual, que você contou pra alguém, teve alguém que mudou o tratamento com você? Que agia de uma forma, era seu amigo, era próximo e aí mudou?

Renato: Teve. Foi horrível, porque isso aconteceu com um cara que eu considerava ele meu melhor amigo. E a gente era tipo irmão, sabe? Aí, eu não sei se ele se sentiu mal por eu nunca ter contado pra ele e parou de falar comigo ou se ele simplesmente não gostou da idéia de eu ter dito que era homossexual pra todo mundo. Eu não sei. E ficou nisso. Mudou, não fala mais comigo, não olha mais na minha cara, parou.

P: E o que você acha das pessoas que são homossexuais e escondem dos pais, dos amigos? O que você acha dessa pessoa, de quem esconde.

Renato: Ah, eu não julgo não, porque às vezes, assim, às vezes, a pessoa tem os motivos dela. Às vezes, ela não precisa contar pro pai, pra mãe que é homossexual, porque sabe que o pai não gosta, que vai condenar, que vai expulsar de casa, e às vezes é melhor você esperar, você aguardar, ganhar sua independência e aí, sim, contar: “Olha, pai, eu sou assim, assado, e tal”. Eu mesmo não ia contar pros meus pais, nem nada assim, mas aí eu comecei a namorar e não tive mais como esconder isso.

P: Você contou pra eles ou eles perceberam?

Renato: Pra minha mãe, eu contei. Meu pai percebeu.

P: E como é que eles reagiram?

Renato: Bom, minha mãe reagiu fazendo drama, falando que ia se matar, que não queria mais trabalhar, que não queria mais viver, que o único filho homem dela era homossexual e tal. Meu pai chorou, mas não comenta nada comigo. Desse assunto, pelo menos, ele não toca no assunto. Agora, minha mãe toca sempre. Minha mãe é meio de lua. Tem dias que ela tá alegre e tal, tá falando numa boa sobre esse assunto comigo e tal, me aconselhando até. Mas tem dias que ela fala: “Ah, por que você é assim?”. E começa a falar que vai se matar, que vai fazer chantagem emocional comigo.

P: E o que você acha disso, do seu amigo ter mudado o tratamento com você, do seu pai ter chorado, da sua mãe achar que você tem que mudar? Por que você acha que as pessoas se comportam assim? O que você acha dessa situação?

Renato: Elas se comportam assim porque elas não vêem isso como o caminho certo. Vêem isso como ruim, que eu posso, sei lá, fazer coisas erradas e me dar mal, porque eu tive um primo que era homossexual e acabou morrendo por causa da homossexualidade dele. Aí...

P: Mas por quê?

Renato: Eu acho que ele se envolveu com briga com heterossexual.

P: Mataram ele, então?

Renato: Mataram ele, é.

P: Então, só retomando aquela pergunta que eu fiz. Por que você acha que as pessoas escondem, então? Por que alguns homossexuais escondem o que são, da família e dos amigos?

Renato: Por que eu acho que eles acham necessário naquele momento. Talvez seja necessário esconder. A homossexualidade não é uma coisa que você precise dizer pra alguém. É uma coisa sua. Você vai dizer quando você achar que deve dizer.

Além disso, Bianca, uma das entrevistadas, aponta que a discriminação é diferente para gays e lésbicas, devido ao grau de exposição de cada um desses dois grupos. Para ela, as meninas homossexuais sofreriam menos preconceito, já que elas demonstram menos sua sexualidade. Além de Bianca, outros/as entrevistados/as indicaram que não existem lésbicas na escola e, se existem, nunca viram ou não as conhecem. Eles e elas alegam que os gays são mais “escandalosos” e “extrovertidos”. Vemos aqui a invisibilidade da lésbica perante a notoriedade do gay na escola. Na dificuldade de acreditar na ausência de lésbicas em uma escola de três turnos, com mais de dois mil alunos, aponto que talvez o silenciamento sofrido pelas mulheres seja mais agressivo que aquele direcionado aos homens. Esse silêncio é uma forma de proteção das meninas homossexuais ou seria sua única opção? Segundo BORILLO (2010, p. 27), a lesbofobia constitui um cruzamento de preconceitos. A lésbica é vítima de uma violência particular, definida na dupla rejeição do feminino e da homossexualidade. Ela acumula as discriminações de gênero e de sexualidade.

Bianca: Assim, mesmo a pessoa não tendo nenhum preconceito, o seu linguajar já demonstra isso: “Seu bicha! Seu viado! Seu bambi!”. Por exemplo, eu tenho um amigo gay, mas eu me refiro a ele no geral com nomes pejorativos. Isso já é uma discriminação.

P: Por que isso é uma discriminação?

Bianca: A implicância: burro, feio, quatro olho, gay, bambi, é uma ofensa. Isso fere tanto quanto o preconceito. Mesmo sendo brincadeira.

P: E as meninas homossexuais, elas também são tratadas com nomes pejorativos?

Bianca: Sapatona. Assim, elas não chamam tanta atenção quanto os homens, porque eu percebo que elas são mais discretas. Mas se elas fossem mais exibidas, iam sofrer igualmente...

P: Elas são discretas em que sentido?

Bianca: Elas não demonstram ser lésbicas. Você só descobre se você perguntar, você olhando na rua você não acha que ela é lésbica.

O trecho acima pode ser um exemplo da recorrência da linguagem pejorativa, que é comum nas violências contra homossexuais. É importante enfatizar o poder da linguagem porque por ela se apresentam visões de mundo, representações e também a nomeação do “outro” por formas negativas ou contrárias à sua vontade, com o intuito de implicar, humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar. No intramuros da escola, em que o verbo é moeda principal, o cuidado com a linguagem e com os discursos de docentes e discentes ganha mais relevância. Entre todas as dimensões nas quais pode se observar a instituição de distinções e desigualdades, a linguagem é seguramente o campo mais eficaz e duradouro, porque atravessa a maioria das nossas práticas e também é comumente vista como natural. “A linguagem

não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os *institui*; ela não apenas veicula, mas produz e pretende *fixar* diferenças” (LOURO, 2008a, p. 65). Para a autora, a linguagem demarca os lugares dos gêneros e das sexualidades: pela subalternização do feminino, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e as sexualidades

Por fim, na décima oitava pergunta: “*E na escola, existe espaço para se falar de diversidade sexual?*”, os/as entrevistados/as foram unânimes e apontaram que esse espaço não existe. Eles/as relataram que entre os/as amigos/as existem conversas sobre sexualidade. Mas não existe uma abordagem que parta da escola; não existe espaço com os/as professores/as na sala de aula para debater este tema.

P: Mas com os professores vocês não conversam sobre isso?

Kelsy: Professor? Não!

P: Em uma aula, o professor nunca deu uma aula e falou sobre isso?

Kelsy: Não

P: As conversas são só entre vocês alunos?

Kelsy: Só entre os amigos, os alunos, só.

P: E esses amigos que são homossexuais, eles falam da vida deles pra vocês?

Kelsy: Falam, quando eles têm intimidade...

Sobre isso, é importante analisar o desenrolar do processo. Por um lado, a escola ainda não dá conta dessa temática. Por outro, a iniciativa dos jovens conversarem entre si, nos corredores ou durante os intervalos, já demonstra a penetração da temática na escola. Neste sentido, a fofoca e os murmurinhos são positivos, uma vez que, se a escola se empenhar em encaminhar tais assuntos, eles serão a semente de uma discussão futura melhor orientada.

Ainda sobre isso, três jovens indicaram que quando o assunto da sexualidade aparece na aula, é sob uma visão médico-sanitarista. Na perspectiva da educação sexual, os/as professores/as, em geral de Biologia, explicam a reprodução humana, a gravidez, as doenças sexualmente transmissíveis e os métodos contraceptivos. Mas a visão sociológica da sexualidade, os mecanismos de naturalização da heterossexualidade, o preconceito homofóbico que a sociedade cultiva, os direitos negados a população LGBTT e, principalmente, a discriminação que estudantes homossexuais e bissexuais sofrem na escola ficam ausentes das atividades escolares.

P: E na escola, você acha que existe espaço para se conversar sobre diversidade sexual?

Amber: Não, o máximo que eles fazem é ter educação sexual, mas só ensinam a colocar uma camisinha e falam que existem doenças sexualmente transmissíveis, que existem estas doenças e que estas doenças existem, ponto. E ninguém fala nada.

P: E quem que fala desta educação sexual?

Amber: Ah, algumas pessoas de ONGs, algumas pessoas de fora. Nunca é alguém da escola, até porque é difícil ser alguém da escola.

P: É uma coisa rápida, uma palestra...

Amber: É. Uma palestra, uma vez por ano, talvez uma vez a cada dois anos, uma coisa desse tipo.

Quando abordados/as em como gostariam que a questão da diversidade sexual e a da homofobia fossem tratadas na escola, três alunos/as indicaram que os/as professores/as deveriam estimular o diálogo através de conversas e debates.

P: Então, como você acha que a escola deveria tratar isso? Você acha que a escola deveria tratar isso de outra maneira?

Renato: Eu acho que ela deveria tratar do mesmo modo que deveria tratar a questão do racismo, que seria conversas, debates e tal. Questões sociais deviam vir mais pra sala de aula.

P: Por quê?

Renato: Porque a gente vive isso e as pessoas precisam conviver com as diferenças. Saber que não deve tratar o outro mal, porque você pode tá perdendo muita coisa, você pode tá perdendo uma amizade, até mesmo um relacionamento que você pode ganhar muito com isso, tanto cultural, quanto de tudo, sabe?

Sobre esta questão, GIROUX (1997, p. 163) defende que se deve tornar o político mais pedagógico e o pedagógico mais político. Tornar o pedagógico mais político significa inserir a escolarização diretamente na esfera política, enquanto território de significação, representação e relações de poder. É desenvolver nos/as educandos/as a confiança na superação de injustiças socioeconômicas e culturais, aproximando-os desse movimento de transformação. Tornar o político mais pedagógico significa utilizar estratégias pedagógicas que incorporem interesses políticos de natureza emancipadora, ou seja, considerar nossos/as jovens como agentes críticos. Por outro lado, Amber apontou que a escola talvez não seja o espaço adequado para isso, uma vez que existe uma resistência tradicional ao diferente.

P: Como é que você acha que isso deveria ser tratado no colégio?

Amber: Ahn... É difícil tratar este tipo de coisa no colégio, porque se for fazer uma coisa que as pessoas não podem falar abertamente, não vale a pena ser feito. E se for um lugar tão preconceituoso quanto nesta escola que eu estudo, as pessoas que forem falar sobre isso abertamente vão ser hostilizadas e elas não vão ser hostilizadas só pelos alunos, também vão ser hostilizadas por pessoas que deviam protegê-las. Então é melhor que elas não falem, é melhor que elas

falem com um psicólogo ou com alguém que escute elas, que lhes dê conselhos e que não a julguem, que nem sempre, muitas vezes, não é o lugar apropriado, a escola, para fazer este tipo de coisa.

Mesmo com a opinião dessa aluna, afirmo que não podemos mais adiar este debate na escola: nossos/as professores/as precisam ser capacitados/as para questionar a ordem heterossexista, assim como eles/as vem trabalhando no combate ao preconceito racial. “O processo pedagógico deverá começar pela denúncia do conjunto de códigos culturais e de estruturas sociais que, ao transmitirem seus valores, fortalecem preconceitos e a discriminação contra gays e lésbicas” (BORILLO, 2010, p. 109).

Dessa forma, enquanto um dos elementos que influenciam essa transformação de ser e pensar, a prática pedagógica pode sensibilizar os/as estudantes para formas plurais de dar significado ao mundo, segundo percepções culturais e diversificadas da sexualidade, o que não significa cair em um relativismo total em que quaisquer valores sejam aceitos sem crítica. Mas implica que, segundo a perspectiva intercultural aqui proposta,

um diálogo seja estabelecido entre valores éticos, humanos de preservação da vida e de respeito à existência do ‘outro’ e aqueles valores plurais que são particulares a grupos e identidades específicas. A partir do momento em que tais valores implicam a eliminação do outro, real ou simbólica, não podem ser aceitos. O professor poderia trabalhar essas questões de forma a conseguir um consenso *a-posteriori*, isto é: por intermédio do diálogo, das discussões, levar à compreensão de um vocabulário ético que possa impregnar a apreciação de valores de povos e grupos identitários plurais, sem que se incentive a aceitação de práticas cruéis, voltadas à eliminação da vida (CANEN, 2007, p. 103-104).

Implica, também, que estratégias interculturais devem ser manejadas dentro da própria sala de aula, valorizando a diversidade, as diversas possibilidades de ser e a tolerância, pelas quais se constroem as percepções simbólicas dos/as estudantes. E, assim, trabalhar de forma a desafiar posturas homofóbicas, sexistas e homogeneizadoras das diferenças que entrecruzam os discursos presentes entre discentes e docentes. E são as práticas rotineiras e comuns, os gestos banalizados e as palavras despercebidas que precisam ser alvos de atenção constante, de especial desconfiança. “A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como ‘natural’” (LOURO, 2008a, p. 63).

4.5. Aproximações.

Comparando as informações veiculadas na realização do grupo focal e as respostas recebidas durante as entrevistas individuais, considero que estes/as jovens mantiveram um posicionamento sobre sexualidade e homofobia semelhante nos dois momentos. Obviamente, pelas entrevistas serem individuais e possuírem a temática da homofobia declarada, enquanto no grupo focal o tema não foi explicitamente anunciado pelos pesquisadores, eles e elas desenvolveram mais suas opiniões, respondendo a minha principal questão: Como sexualidade e homofobia são tratadas na escola? Aos olhos de meus/minhas entrevistados/as, elas não são tratadas, pois estão ausentes dos debates entre professores/as e alunos/as. O que mais apareceu no grupo focal e nas entrevistas foram afirmações sobre como, por que e o que acontece quando a sexualidade, principalmente a homossexualidade, é exposta no ambiente escolar, e também fora dele. E isso indica que as dúvidas desses/as alunos/as são exatamente no processo de negociação da identidade sexual, o que envolve a dimensão interpessoal, os relacionamentos afetivos, a opinião pública, os quais terão reflexos na dimensão intrapessoal dos sujeitos.

Ao mesmo tempo em que foram registrados discursos que revelam uma postura preconceituosa, há também outros nos quais os/as jovens reconhecem o preconceito como algo negativo. Em seus relatos, eles/as são sempre testemunhas ou vítimas, quase nunca sujeitos ativos da discriminação. Observa-se, contudo, como a linguagem denuncia alguma cumplicidade passiva nas brincadeiras, ou seja, uma violência na nomeação, quando eles/as usam apelidos, expressões pejorativas e xingamentos. Nossos/as meninos e meninas aprendem, desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos que passam a dirigir àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem (LOURO, 2010, p. 28). Isso implica na baixa auto-estima desses/as jovens/as, o que acarreta problemas de desempenho. Nosso entrevistado homossexual, Renato, indica que repetiu uma das séries escolares porque se sentia menosprezado pela professora de matemática, deixando subentendido que o motivo seria a sua homossexualidade. E, como viu que não conseguiria ser aprovado naquela disciplina, desistiu de todas as matérias, abandonando a escola naquele ano.

Também aparece o tratamento das sexualidades com base em crenças morais, construídas a partir de discursos religiosos, científicos, familiares e educacionais. Essas crenças precisam ser questionadas, pois discursos que promovem ou praticam a humilhação, a subalternização e a exclusão da população LGBTT opõem-se aos direitos de cidadania. A violência homofóbica, muitas vezes, encontra-se invisibilizada nas hierarquizações do preconceito social. Semelhante ao que vimos anteriormente, TORRES (2010, p. 38) indica que

essas hierarquizações podem ser observadas nas piadas que depreciam a população LGBT, na ausência de personagens LGBT nos livros didáticos, nas agressões físicas e psicológicas cometidas devido à orientação homossexual e bissexual, entre outras. Essa hierarquização atinge de forma diferente os LGBT. Um jovem gay e outro que seja transexual serão atingidos de maneiras diferentes; uma jovem lésbica que assumiu publicamente seu namoro será mais aviltada do que aquela que se privar da expressão de sua orientação sexual.

A escola e a educação são modos de controle e regulação resistentes e duradouros. Elas propõem valores, que possuem um contexto histórico e social. Por fim, de acordo com os dois instrumentos aqui utilizados, enxergo a necessidade de um olhar cuidadoso sobre as possibilidades de empoderamento, através da escola, da população LGBTT, submetida atualmente à estigmatização coletiva, também no ambiente escolar.